

AVALIAÇÃO ESCOLAR: (RE)SIGNIFICANDO LIMITES E POSSIBILIDADES

SCHOOL EVALUATION: (RE)SIGNIFYING THE LIMITS AND POSSIBILITIES

Arlei Peripolli¹
Silvio Carlos dos Santos²
Soraia Napoleão Freitas³

RESUMO

Este ensaio teórico-metodológico objetiva promover uma (re)significação voltada à avaliação numa visão diacrônica e ontológica, como processo desafiante ao professor. Destarte, a mesma deve ser a reflexão transformada em ação, que impulsiona a novos paradigmas sobre a realidade e as histórias de vida; um procedimento interativo, através do qual os atores educacionais aprendem sobre si mesmos e o cotidiano. Conseqüentemente, na medida em que a ação avaliativa exerce função dialogada, promove o aluno no campo moral, tornando-o crítico e participativo, inserido-o no contexto sócio-político e cultural. Assim, faz-se imprescindível assumir um posicionamento transparente, coerente e ético, juntamente com a expressão holística do fazer pedagógico, do planejamento e da execução desta. A avaliação, ao ser ação provocativa para o professor, valoriza as experiências, os conhecimentos/saberes, os erros e os questionamentos do aluno. Portanto, é um estímulo, uma motivação para que ambos sintam prazer em aprender e criar no espaço de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Avaliação; Tempo/Espaço de Aprendizagem; Professor/Aluno.

ABSTRACT

This theoretical-methodological essay aims to promote the re(meaning) toward to an evaluation in a diachronic and ontological view, as challenging process to the teacher. Thus, it must be a reflection transformed into action, driving the new paradigms about reality and life stories; an interactive procedure, whereby the educational role players learn about themselves and their routine. Consequently, inasmuch as the evaluation action carries a dialogical function, it promotes students in the moral field, making them critical and participative, inserted in the socio-political and cultural field. Thus, it is essential to take a transparent, consistent and ethical stand, along with the pedagogical holistic expression, planning and implementing it. The assessment, when it is a provocative action to the teacher, enhances the students experience, learning/knowledge, errors and questioning. Therefore, it is an incentive, a motivation to make both happy to learn and to create within the learning atmosphere.

Keywords: Education; Evaluation; Learning Time/Space; Teacher/Student.

¹ Mestre em Educação e Graduado em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Coordenador de Educação Inclusiva do Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria e Professor da Universidade Federal de Santa Maria. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8546062608248096>.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista; Graduado em Letras e Psicologia pela Universidade do Sagrado Coração. Professor Substituto da Universidade Federal de Santa Maria. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3469061613412925>.

³ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Graduada em Educação Especial pela mesma Instituição e em Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. Professora da Universidade Federal de Santa Maria. Autora de centenas de trabalhos na área de Educação. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8605918251808106>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

1 – TECENDO CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade atual tem se revelado como expressão da vivência de um tempo de (re)significações; mudanças profundas; contestações de toda ordem; crise dos conhecimentos/saberes e do mundo interconectado. Época marcada pela transitoriedade, pela busca de sentidos originais e novas práticas que sejam mais próximas da contingência histórica da condição humana. Realidade em que a voz uníssona da atualidade cede lugar à pluralidade cultural, étnica, política, científica e da transição paradigmática. Paisagem de contradições; de disseminação da violência social e econômica; de refinamento da produção de riqueza, aprofundamento e alargamento da miséria.

A escola, inserida neste contexto, não pode estar desvinculada da vida, do mundo que a rodeia, mas em sintonia com a comunidade e com o tempo em que vive. Logo, a mesma não ensina a memorizar, mas a refletir; fazer relações entre dados, informações e ideias; desafiar o senso comum; apreender o ato da pesquisa; saber trocar informações, ou seja, aprender a aprender na prática. Desta forma, avaliar pode ser um empreendimento de sucesso, mas também de fracasso; conduzir a resultados significativos ou a respostas sem sentido; defender ou ameaçar; aprovar ou reprovar.

Conseqüentemente, é neste universo que se intensifica a discussão acerca da avaliação da aprendizagem como elemento didático necessário e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo a relação ensino/aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer da aquisição do conhecimento entre professor/aluno são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e (re)orientar a ação pedagógica. Assim, a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuições de notas. Portanto, este ensaio teórico-metodológico promove uma (re)significação voltada à avaliação como processo desafiante e possível ao professor.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

2 – AVALIAÇÃO ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA DIACRÔNICA

A humanidade, desde o seu surgimento, ratifica as ações de seus componentes, por meio do (re)conhecimento dessas e suas qualidades. O responsável pela identificação e anúncio desta legitimidade é o que adquiriu autoridade na função: que está capacitado a dar o aval, ou seja, avaliar àquele que pretende apropriar-se de tal conceito.

Com a complexificação da organização social, houve a demanda de construção de espaços/tempos específicos para a aprendizagem dos ofícios necessários; de criação de novos procedimentos, instrumentos e símbolos para conceder este aval, também, complexo. A necessidade de avaliação/validação vivenciada pela relação ensino/aprendizagem é consensual. O modo de avaliar os processos, os critérios e as suas implicações é um tema inconcluso e passível de discussões e entendimentos.

O ato de avaliar perpassa e orienta todas as experiências vivenciadas pelos grupos sociais no transcorrer dos tempos. Encontram-se, assim, inferências nas passagens bíblicas do Velho e Novo Testamento quando profetizam o certo e o errado, o belo e o feio, o moral e o amoral. Portanto, a avaliação é constituída de subjetividade, normativas, procedimentos e códigos de conduta criados pelo homem. Corrobora Viana (2000, p. 22) ao dizer que: “[...] desde o início do processo civilizatório houve alguma forma de avaliação. Ousaríamos dizer que a avaliação surgiu com o próprio homem (...) o homem observa; o homem julga, isto é, avalia”.

Nas relações sociais as atividades avaliativas remontam a períodos históricos antigos quando eram usadas como medida para adequar o indivíduo ao trabalho, ao exercício de diferentes papéis. Vem legitimar Sobrinho (2001, p. 35-36) ao afirmar que:

Antes mesmo da institucionalização das escolas, a avaliação já era praticada para fins de seleção social. Com efeito, a avaliação está ligada à questão de escolhas, e a seleção social é tão “naturalmente” aderida a ela que passa como constituinte de sua essência (...). Os chineses praticavam uma seleção de indivíduos para a guarda dos mandarins. Os gregos utilizavam mecanismos de seleção de indivíduos para o serviço público ateniense (...).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

No contexto educacional esta história se reproduz. A avaliação vem se estabelecendo como ferramenta de aprovação/reprovação, como meio para se chegar ou não ao saber e à ascensão social. Segundo Luckesi (2002), esta tem sua gênese na escola moderna com a prática de provas e exames que se sistematizou a partir do século XVI e XVII, com o apogeu da sociedade burguesa.

Para Bortoloti (2003), no século XVI, os jesuítas se destacaram, desde os primeiros tempos de fundação da ordem, pela proposta pedagógica – *Ratio Studiorum* – que foi pensada para ordenar as instituições de ensino de uma única maneira, com vistas a permitir uma formação uniforme a todos. Através desta pedagogia, visavam um ensino eficiente por meio do rigor e a constituição de uma supremacia católica, tendo um cuidado proeminente em relação às provas e exames. Onde, organizavam-se sessões solenes com constituição de bancas examinadoras e comunicação pública dos resultados.

No século XX, o educador norte americano Tyler criou a terminologia avaliação da aprendizagem, porém, a prática permaneceu baseada em provas e exames, apesar de vários professores descreverem que a mesma poderia auxiliar numa maneira eficaz e eficiente de se vivenciar a relação ensino/aprendizagem e a construção coletiva do conhecimento.

Por fim, cada decisão que o ser humano toma ou é levado a tomar em circunstâncias distintas, seja no dia a dia em âmbito pessoal, profissional ou em situações adversas será sempre resultado de um processo avaliativo, onde, diversas variáveis, são incorporadas e analisadas, diferentes critérios são delineados, para que aquela situação se concretize, permitindo-lhe optar ou assumir a solução que parecer mais coerente e/ou adequada naquelas circunstâncias e é comum que estas soluções envolvam um julgamento no encaminhamento ou solução do problema que se apresenta num processo que é sempre subsequente.

3 – UMA ABORDAGEM ONTOLÓGICA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Medir, testar, julgar, avaliar são terminologias distintas, mas que, muitas vezes, são tomadas inadequadamente como sinônimas, ou então, utilizadas para se chegar a uma mesma finalidade. Não existe necessidade, nem compete aqui a tarefa de defini-las. Contudo, isso não anula que se elaborem, delimitem, definam certas concepções.

Assim, medir tem por significação definir a extensão ou dimensões, ou a capacidade de alguma coisa ou objeto, sua permanência ou duração. Comumente, o efeito final de uma medida é expresso por números. Desde o surgimento do empirismo, principalmente com o positivismo, cada vez mais se aprecia a quantificação. Ou seja, o que vale são os números. Tudo o que se desenvolve está submetido à medida. Compram-se os objetos de que se precisam por medidas, dimensões, tamanhos, pesos, preços. A passagem do tempo é registrada através de horas, dias, anos; quanto às distâncias, em metros, quilômetros e até em anos luz. A medida também perpassou o espaço educacional. Exemplo disso, é quando se contam os itens de uma prova e, face aos acertos ou erros cometidos, estabelece-se um número de pontos, efetuando uma medição quantitativa. Consequentemente, a medida é um dos mecanismos de que se apropria a avaliação para alcançar seu desígnio valorativo.

O testar equivale à verificação de alguma coisa por meio de uma conjuntura planejada. Este é um meio que se utiliza para determinar a qualidade daquilo que se almeja observar, procurando-se medir o resultado de uma capacidade, mas não essa em si mesma. Os testes se configuram como instrumentos de medida, devendo servir, tão somente, para mensurar ou investigar aspectos das coisas existentes.

Quanto ao julgar, condiciona-se deliberar sobre a legalidade, legitimidade ou certeza de alguma coisa. Embora, seja utilizado em múltiplas circunstâncias, jamais deverá ser empregado no âmbito educacional em termos de confrontar um aluno em relação a outro, no que tange à aquisição dos conhecimentos. A aprendizagem precisa evitar a aferição comparativa, visto que cada ser é uma

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

totalidade idiossincrática, isto é, não se pode quantificar e comparar concepções, volições, aspirações, sentimentos/emoções, pois são características subjetivas que estão no âmago do comportamento e da capacidade de produção dos alunos.

Avaliar para Ferreira (1986, p. 164), em sua obra o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é: “**1.** Determinar a valia ou o valor de (...). **2.** Apreciar, estimar o merecimento de (...) avaliar um esforço. **3.** Calcular, estimular, computar (...). **4.** Reconhecer a grandeza, a intensidade (...).”

Na sua origem, o vocábulo vem do latim *a + valere*, que significa conferir importância e mérito ao objeto em estudo. Desta forma, denota um juízo de valor sobre um procedimento para a aferição da qualidade do seu resultado, porém, a compreensão da avaliação no processo ensino/aprendizagem tem sido pautada pela lógica da quantificação, ou seja, associa-se o ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Por sua vez, Echenique (s/d, p. 1) afirma que avaliar

[...] é um processo contínuo de investigação que visa estudar e interpretar os conhecimentos, atitudes e habilidades dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos da escola, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas no planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Portanto, a avaliação não está ligada apenas a um momento ou instante, é algo amplo, um processo interligado a outras atitudes e comportamentos. Consequentemente, abarca (re)conhecimento, e (re)conhecer envolve a subjetividade humana. Logo, esta é, essencialmente, o ato de acompanhar o crescimento holístico do aluno no processo de edificação do conhecimento e da construção da aprendizagem significativa e colaborativa.

4 – UM DESAFIO AO PROFESSOR: A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO INTERATIVO

O professor só poderá avaliar a aprendizagem, se tiver perceptibilidade de pensamento daquilo que pretende alcançar, isto é, clareza dos seus objetivos, os quais são hipóteses sobre o comportamento esperado dos alunos. Quanto mais

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

nítidos forem propostos, melhores orientadores se tornarão para a ação/reflexão/ação deste e para os seus procedimentos avaliativos, pois, ao contrário, como afirma Hoffmann (2000, p. 53): “[...] conceber e nomear o ‘fazer testes’, o ‘dar notas’, por avaliação é uma atitude simplista e ingênua! Significa reduzir o processo avaliativo, de acompanhamento e ação com base na reflexão, a poucos instrumentos auxiliares desse processo [...]” Um aspecto fulcral da avaliação é a busca de informações para o (re)planejamento, a (re)tomada dos fazeres pedagógicos como diagnóstico real do crescimento do aluno. Desta se originam as suas principais funções: a) constatar se os objetivos propostos foram alcançados ou não, e em que dimensão; b) averiguar os motivos que divergiram para que as metas não tivessem êxito e c) nortear a tomada de decisões em relação ao não cumprimento das ações propostas.

Assim, vê-se que o professor, ao planejar a sua atuação, fixa as finalidades que pretende atingir, isto é, os comportamentos/attitudes que os alunos devem apreender ou formar durante o processo ensino/aprendizagem, além de (re)significar instrumentos de valoração que realmente aquilatem o que foi estabelecido como princípio basilar, norteador da construção dos conhecimentos/saberes dos alunos. Estes instrumentos devem ser elencados em sintonia com os objetivos que se pretende avaliar. Porém, como não é possível uma valoração fidedigna e real em todas as proposições, os resultados alcançados constituem apenas uma das variáveis a serem consideradas na análise qualitativa do desempenho deste.

O professor precisa estar sempre indagando as melhores situações de avaliação, as mais hábeis formas de coleta de dados, sua compreensão e utilização, a fim de dar cientificidade e experimentação a sua prática pedagógica. Por este prisma, esta se transforma em um processo sistemático pelo qual se (re)colhem informações sobre os resultados da aprendizagem, analisando-as com o intuito de determinar que ação, ritmo, metodologia e instrumento serão empregados para que se efetive os objetivos propostos.

A complexidade do processo avaliativo é realçado por Perrenoud (1990, p. 18), segundo o qual não existe o ato de avaliar sem relação social e sem

comunicação (inter) pessoal, tratando-se de um mecanismo do sistema de ensino que, muitas vezes, converte as diferenças culturais em desigualdades escolares. Por outro lado, a análise da ação avaliativa mostra que:

[...] não existem medidas automáticas, avaliações sem avaliador nem avaliado; nem se pode reduzir um ao estado de instrumento e o outro ao de objeto. Trata-se de atores que desenvolvem determinadas estratégias, para as quais a avaliação encerra uma aposta, sua carreira escolar, sua formação.(...) Professor e aluno se envolvem num jogo complexo cujas regras não estão definidas em sua totalidade, que se estende ao longo de um curso escolar e no qual a avaliação restringe-se a um momento.

É certo que a avaliação necessita abranger não só o rendimento intelectual, racional, objetivo, cognitivo, mas também outros aspectos, como as transformações efetuadas no comportamento global do aluno e a forma como ele utiliza essas aprendizagens na vida e no seu cotidiano. Destarte, compete ao professor ter sempre presente que precisa valorizar o desempenho, as habilidades, as competências do mesmo de acordo com aquilo que lhe foi fornecido, devendo ser devidamente organizado e planejado conforme seu nível de aquisição dos conhecimentos.

A avaliação, assim aplicada, deve estabelecer propósitos nitidamente evidenciados, entre os quais se destacam: a) determinar as mudanças, no nível de conhecimentos, ocorridas durante o desenvolvimento do aluno e b) entender as dificuldades individuais e coletivas deste, como ponto identificador da necessidade de uma nova organização da aprendizagem. Esta precisará abarcar o campo psicomotor, afetivo e cognitivo, a fim de dar ao professor as diretrizes para a definição das metas de sua ação docente. Corroborando Gadotti (1990) ao afirmar que a avaliação é essencial às práticas educacionais, inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão, sobre a ação, entendendo que a mesma não pode morrer. Ela se faz necessária para que se possa (re)pensar o fazer pedagógico.

Portanto, esta deve ser a reflexão (trans)formada em ação, que impulsiona a novas (re)significações sobre a realidade e as histórias de vida do aluno. Um processo interativo, através do qual os atores educacionais aprendem

sobre si mesmos e sobre o cotidiano do espaço de aprendizagem. Conseqüentemente, na medida em que o processo avaliativo exerce uma função dialogada/interativa, promove os alunos no campo moral, tornando-os críticos e participativos, inseridos no contato sócio-político e cultural. É necessário avaliá-los através da observação diária de seu desempenho individual e coletivo, possibilitando a crença de que a mesma é mais do que a produção de conhecimento: um ato político. Segundo Hoffmann (2000), avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, devendo, propiciar ao aluno, em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades (re)formuladas.

Deste modo, a avaliação deve ser constante, pois faz o entrecruzamento do trabalho pedagógico desde seu planejamento até a sua execução, agregando informações para melhor compreensão da relação ensino/aprendizagem e possibilitando, assim, orientar a intervenção didática para que seja qualitativa e pedagógica. Por conseguinte, desenvolver uma nova postura avaliativa (re)quer (des)construir a concepção e a prática tradicional de mensuração e romper com a cultura de memorização, classificação, seleção e exclusão, tão presente no sistema de ensino. Isto remete a uma reflexão em torno de algumas questões básicas que constituem a compreensão epistemológica e pedagógica do conceber e do fazer avaliativo.

Para Bevenuto (2002) avaliar é mediar o processo de aquisição de conhecimento, oferecer recuperação imediata, promover cada ser humano, vibrar junto a cada aluno em seus lentos ou rápidos progressos. Contudo, acredita-se que o grande desafio para edificar novos caminhos, legitimado, também por Ramos (2001), é através de uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e autonomizador do processo ensino/aprendizagem. Deste modo, formam-se cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autônomos.

Avaliar significa ação provocativa do professor desafiando o aluno a refletir sobre as situações vividas, a (re)formular hipóteses, encaminhando-o a um

saber enriquecido, acompanhando o vir a ser, favorecendo atuações educativas para novas descobertas. A avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo vinculando-a a ideia de qualidade. Isto é legitimado por Benvenuto (2002), ao dizer que a mesma deve estar comprometida com a escola e esta deverá contribuir no processo de construção do caráter, da consciência e cidadania, passando pela produção do conhecimento, fazendo com que o aluno compreenda o mundo em que vive para usufruir dele, mas, sobretudo, que esteja preparado para transformá-lo.

Finalmente, ao pensar a avaliação como aprovação ou reprovação, a nota torna-se um fim em si mesma, ficando distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem. Mudar a concepção se faz urgente e necessário. Basta romper com padrões estabelecidos pela própria história de uma sociedade elitista e desigual. Neste sentido, mudar a concepção de avaliação significa provavelmente mudar o espaço/tempo de aprendizagem, alterar práticas habituais, acabando com as inseguranças e angústias de todos os atores educacionais, portanto, romper paradigmas e construir uma nova escola.

5 – PROPONDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico-metodológico refletiu sobre a importância da avaliação da aprendizagem frente ao novo momento social que provoca mudanças nos modos de viver, trabalhar, produzir, pensar e até mesmo sentir dos atores educacionais. Contudo, observa-se que avaliar não consiste apenas em criar um modelo de valoração, mas transformá-lo em um instrumento de crescimento para professores e alunos, onde os primeiros (re)significam a sua capacidade de provocar o processo de edificação dos aspectos holísticos destes últimos na relação ensino/aprendizagem.

Portanto, a avaliação deve permear o trabalho pedagógico desde o planejamento até a execução, coletando dados para melhor compreensão do processo de aquisição do conhecimento, possibilitando, assim, orientar a intervenção didática para a (trans)formação, onde esta é muito mais do que a

expressão de determinar conceitos para o aluno, ela expressa a postura do professor responsável, ético-político, competente e comprometido com o desenvolvimento de capacidades, habilidades, competências e atitudes numa escola democrática e cidadã.

Enfim, a mesma não pode ser percebida como um momento final do processo em que se verifica o que o aluno alcançou. A ação não está em tentar padronizar o comportamento deste, mas em criar condições de aprendizagem que permitam o aluno, qualquer que seja seu nível, evoluir na construção dos conhecimentos/saberes.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENUTTI, D. B. Avaliação, Sua História e seus Paradigmas Educativos. In: *Pedagogia: a Revista do Curso Brasileira de Contabilidade*. São Miguel do Oeste – SC: ano 1, n. 01, jan., p. 47-51, 2002.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva. O Ratio Studiorum e a Missão no Brasil. In: *História Hoje: Revista Eletrônica de História*. São Paulo, v.1, n. 02, dez., 2003.

ECHENIQUE, Vera Lúcia. *Avaliação da Aprendizagem*. Londrina: UEL, s/d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mito & Desafio: Uma Perspectiva Construtivista*. 29ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. *La Construcción del Éxito y del Fracasso Escolar*. (Trad. de Pablo Manzano). Madrid: Morata/La Coruña: Paidéia, 1990.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 01 Páginas 01-12
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

RAMOS, P. *Os Pilares para Educação e Avaliação*. Blumenau, SC: Acadêmica, 2001.

SOBRINHO, José Dias. *Avaliação: Políticas Educacionais e Reformas*. São Paulo Cortez, 2001.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Avaliação Educacional*. São Paulo: IBRASA, 2000.